



Notícias

Associação de Engenheiros de Campinas

Comemorando o décimo aniversário de sua fundação, a Associação de Engenheiros de Campinas promoveu um jantar íntimo, a 17 de maio p.p., no tradicional Clube Campineiro, daquela cidade, e ao qual compareceu quasi que a totalidade dos sócios.

O engenheiro Feijó Bittencourt falou em nome de seus colegas, comemorando aquela efeméride e o engenheiro Carlos Stevenson, seu primeiro presidente, num brilhante improviso, também rememorou tão significativa data.

O engenheiro Ayrosa Galvão propoz fosse levantado um brinde ao eng.º Wilson Coelho de Souza por ter presidido a primeira assembléa da fundação e ao eng.º João Batista Garcez por ter levantado no Instituto de Engenharia a idéia deste enviar um emissário a Campinas, por ocasião da organização da constituinte em 1933, com o fim de se reunirem os engenheiros daquela cidade, numa associação de classe.

A diretoria da Associação de Engenheiros propoz e foi unanimemente aprovado um voto de homenagem ao Instituto de Engenharia por ter tomado aquela iniciativa.

Inserimos, a seguir, o discurso proferido pelo eng. Feijó Bittencourt:

«Minhas senhoras, meus senhores,

Comemora hoje a nossa Associação de Engenheiros de Campinas seus primeiros dez anos de atividade, durante os quais, podemos afirmar com segurança, contribuiu em nosso meio, com toda eficiência, para unir a classe de engenheiros em torno de um ideal sadio e de um espírito elevado de cooperação, — traduzidos em atos de notável capacidade creadora.

Competia naturalmente dirigir-vos estas palavras um de seus fundadores, um daqueles que muito trabalharam para sua realização, que com visão realista e segura, com excepcional operosidade, com inteligência clara e penetrante, — e sobretudo com extrema dedicação pela nossa classe —, souberam orientar com sabedoria ou contribuíram com felicidade para seu completo êxito.

O engenheiro Carlos Stevenson, seu primeiro presidente, como nossa mais merecida homenagem e por legítimo direito, deveria ser o orador desta noite. Infelizmente, nesta festividade, vimonos privados da palavra elegante do escritor consagrado, da robusta mentalidade do profissional eminente, um dos creadores da técnica ferroviária brasileira.

Sua saúde o impediu de aceitar a incumbência, pois só em condições de

tempo muito favorável poderia comparecer a esta reunião.

E' com a maior alegria que registamos sua presença entre nós, trazendo-nos o conforto da sua imensa bondade, diante da qual cada um de nós se sente em face de um verdadeiro amigo.

E' com profundo constrangimento que a diretoria desta Sociedade se viu premiada por situação irremediável a cometer a deselegância de incumbir um de seus membros de fazer esta saudação.

Depois de uma verdadeira «via crucis» e dos apêlos mais calorosos a vários colegas, naturalmente indicados, quer pelas credenciais dos serviços prestados à Associação, quer pelos seus elevados méritos, quer pelo alto apreço com que os distinguem todos os colegas, quer pelo grande brilho que iam emprestar à comemoração de hoje — diante das recusas sistemáticas e inabaláveis —, continuava insolúvel esta incumbência.

Assim, só por dever do cargo, fui obrigado a assumi-la.

Infelizmente, desgraçadamente, apavorantes como tabús fetichistas, nossa classe tem verdadeiro pavor pânico pela palavra discurso, conferência, palestra, falar em público ou escrever para ser publicado.

Para vencer tal prevenção, convem lembrar o que foi o trabalho cíclico da comissão organizadora do Primeiro Congresso Brasileiro de Engenharia e Legislação Ferroviárias, a-fim-de conseguir de uma classe tão avessa a escrever, a apresentação de teses.

Nosso prezado colega Bicalho multiplicou-se em esforços e recursos; semanalmente dirigia a cada um dos recalcitrantes ou retardatários uma carta poética, abaladora, patética e eloquente, animando, convencendo ou lembrando que o prazo ia expirar, que o prazo estava expirado e finalmente que há muito se havia expirado...

Só com essa paciência de Jó, essa tenacidade gigantesca e com esforço sobrehumano foi conseguido alguma cousa.

Agora, repete-se em pequena escala o mesmo fato, porém, nós da diretoria não tivemos nem habilidade, nem argumentação capazes de convencer áqueles colegas nossos.

E' uma necessidade inadiável combatermos por todos os meios prática tão nociva, tão prejudicial à nossa classe e à nossa profissão e que põem em apuros as pobres diretorias...

Assim, entre nós, muitos trabalhos técnicos deixam de ser divulgados e difundidos, não prestando os serviços que deles eram de se esperar, por-

que seus autores não têm o hábito de escrever, ou melhor, têm o mau hábito de não escrever.

*
* *

Há dez anos passados, numa das horas mais graves da nossa nacionalidade, os engenheiros eram chamados a postos, a-fim-de enviar seu representante classista à futura constituinte.

O Instituto de Engenharia toma a iniciativa de dirigir o movimento. Designa para vir a Campinas nosso operoso e incansável Ayrosa Galvão, com o fim de reunir os engenheiros aqui residentes, numa associação regional de classe.

Procurado o dr. Horácio Costa, este encaminhou ao engenheiro Euclides Vieira o delegado do Instituto de Engenharia.

E, no Escritório da Linha da Cia. Mogiana, reunidos os engenheiros que então aqui se achavam da Cia. Paulista, da Prefeitura, Emprezas Elétricas, Cia. Mogiana, engenheiros agrônomos e demais profissionais, em assembléa sob a presidência do engenheiro José Wilson Coelho de Souza, ficou fundada a Associação de Engenheiros de Campinas.

Assim, da ação e para a ação, nasceu a nossa Sociedade.

Em meio favorável ela se desenvolveu rapidamente e tornou-se o centro de reunião habitual dos engenheiros desta região, estabelecendo, assim, a aproximação, a harmonia e a cooperação entre os representantes da classe.

Com este convívio elevado, desta camaradagem sincera estabeleceram-se relações, fizeram-se conhecimentos, gruparam-se valores, consolidaram-se amizades, — proporcionando uma situação privilegiada que permitiu, com uma sociedade modesta e pobre, realizar o verdadeiro milagre que foi o Primeiro Congresso de Engenharia e Legislação Ferroviárias, efetuado em Campinas, em outubro de 1935.

E foram seus realizadores tão felizes que os resultados alcançados ultrapassaram as mais otimistas previsões.

Ele tornou-se um dos marcos mais assinalados na vida da engenharia ferroviária brasileira.

Constituiu um dos grandes movimentos de renovação da técnica ferroviária entre nós.

Dele resultou a fundação da Associação Brasileira de Engenharia Ferroviária.

Ele mostrou a possibilidade da organização dos Cursos Superiores de Aperfeiçoamento de Engenharia Ferroviária.

E Roberto Mange encontrou campo favorável para a divulgação e expansão entre nós, dos cursos de formação técnica dos operários ferroviários, sob a mais adiantada e segura orientação científica.

A Associação de Engenheiros de Campinas concorreu para a elevação do meio técnico profissional, para a aproximação da classe de engenheiros no Brasil: sua contribuição foi, pois, das mais eficientes.